

Autonomia Pastoral e Comunhão Eclesial

Para haver comunhão é necessário autonomia. A partir da “individualidade” é que se pode chegar ao comunitário. É necessário “reconhecer” a autonomia para se “fazer” a comunhão. Autonomia não significa paralelismo nem quebra ou negação da unidade, mais caminho para a comunhão



A comunhão eclesial dá-se em torno da Missão, “que encontra seu eixo na opção evangélica pelos empobrecidos” e se efetiva no “emprenho perseverante pela transformação da sociedade rumo à realização dos autênticos valores humanos e invocação constante – como na oração de Jesus – vinda do Reino”. Trata-se de “fortalecer e estender a ativa participação na cidadania, em todos os níveis da vida social, de modo que o crescimento da democracia se torne efetivo através do exercício de direitos e deveres para com a sociedade por parte de todos”, a partir

do testemunho de Jesus, o Carpinteiro e Messias de Nazaré – o mesmo “ontem, hoje e sempre”.

A comunhão não uniformiza, não tira a criatividade, a autonomia, o poder de decisão e organização. Pelo contrário, é comunhão de diferentes: “De fato, o corpo é um só, mais tem muitos membros; e no entanto, apesar de serem muitos, todos os membros do corpo formam um só corpo”.

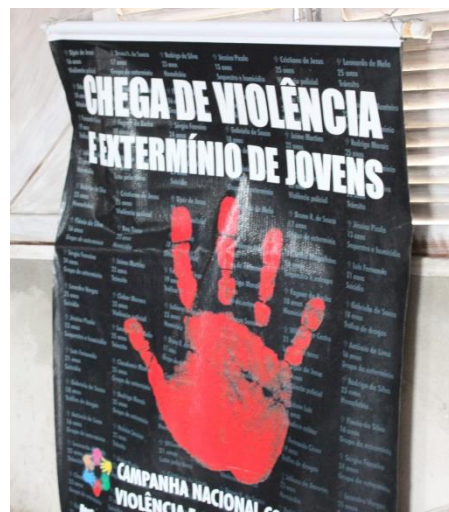
A PJMP tem vivido, ao longo desses anos, vários conflitos, sobretudo, com alguns membros da Igreja, no que diz respeito à comunhão eclesial. Nem sempre ela foi compreendida no seu jeito de programar atividades, definir cargos e funções: coordenação, assessoria e secretaria. Alguns consideram tais atitudes de autonomia pastoral como rebeldia, “independência” e “afastamento” da Igreja.

Ultimamente, também, temos vividos alguns conflitos na relação com o que tradicionalmente sempre se chamou CEBs: Comunidade formada por pessoas de todas as idades que moram no mesmo espaço geográfico. Há quem diga que as Pastorais Específicas estão esvaziando (e até acabando) como as CEBs. A Pastoral Específica como tal, não pode se rumar CEB?

CEBs e Pastorais Específicas são necessariamente duas realidades diferentes? O que é que define uma Comunidade Eclesial de Base? A diversidade de idades e o espaço geográfico são suficientes para definir uma Comunidade Eclesial de Base, especialmente na cidade? Esse modelo, no fundo, não é mais uma descentralização da paróquia em função do projeto paroquial que se concentra na assistência sacramental e numa eventual assistência aos pobres? Não estamos contribuindo para perpetuar o modelo paroquial de Igreja? Não estamos sufocando nossas lideranças com muitas pastorais sacramentais e “Igrejeiras”?

Na cidade, devido à grande quantidade de habitantes, diferentemente da zona rural, as relações se dão a partir de afinidades, interesses, categorias... Como não dá pra se relacionar com todo o mundo, as relações se dão em lugares e situações específicas (ex: escola, trabalho, futebol, grupo ideológico, grupo religioso, grupo de ação...). Além do mais, a agitação e a correria da cidade forçam as pessoas a priorizar suas relações e atividades.

O meio urbano, é sem dúvida, um dos maiores desafios para a Igreja. Aos poucos ela vem, mesmo que inconsciente, incorporando um jeito de



ser, pensar e se organizar próprios da cidade. Um exemplo claro disso, são as Pastorais Específicas: Elas surgem a partir e em função de situações concreto-específicas; são pessoas que, vendo a infinidade de problemas e exigências à ação pastoral, bem como seu tempo disponível, optam por militar pastoralmente em uma situação específica. É a partir das Pastorais Específicas que a Igreja vai se fazendo presente nos vários espaços e situações da cidade.

A diversidade das formas de expressão eclesial provocam uma dinamização da nossa compreensão de CEBS. Quando a ação pastoral é limitada à edificação de um modelo eclesial definido territorialmente perde de vista ou exclui outras formas de construção eclesial que nem sempre se enquadram no conhecido edifício de nossas CEBS.

As pastorais específicas populares (enquanto comunidades cristãs voltadas para situações específicas) não são um rosto tipicamente urbano de CEBS?

O conjunto das Comunidades Eclesiais de Base, nas suas várias especificidades – espaço geográfico, idade, categoria, classe social... – não é o que forma a grande Igreja da Base ou a grande CEB ou Igreja Popular?

A partir dessa compreensão, podemos dizer que os grupos de base da Pastoral da Juventude do Meio Popular são CEBS e, portanto fazem parte da grande Comunidade Eclesial de Base?

Para refletir:

1. Como a PJMP da sua cidade vive a autonomia pastoral e a comunhão eclesial?
2. Como tem trabalhado os conflitos ligados à autonomia e comunhão?
3. Como a PJMP da sua cidade se situa na caminhada das CEBS?

Texto retirado do subsidio: “PJMP: Teimosia e Resistencia. Na alegria de viver fazendo a historia acontecer”. Escrito pelos padres Zé Teixeira e Junior Aquino.

